



CIRCULAÇÃO DE SABERES NOS DICIONÁRIOS: RELAÇÕES ENTRE O SUJEITO GAÚCHO E O HISPANO-AMERICANO

Natieli Luiza Branco¹

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a produção/circulação de saberes nos dicionários, em seus prefácios e no verbete gaúcho; e assim verificar como se dá o imaginário sobre o sujeito, a língua e a história. A questão que norteia também esta pesquisa é a de refletir sobre o imaginário a respeito do sujeito gaúcho em suas relações com o sujeito *gaucho* hispano-americano, visando identificar como isso se dá no movimento entre a manutenção e a atualização de saberes, via dicionarização.

De acordo com a Análise de Discurso de linha francesa e a História das Ideias Linguísticas, este trabalho desenvolve-se uma análise discursiva e comparativa entre os dicionários, seus prefácios e definições a fim de verificar possíveis aproximações ou diferenciações entre uma imagem de gaúcho e outra. Tomamos como corpus o *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul*, de Zeno Nunes e Rui Nunes, 1984 e o *Diccionario del Español de América*, de Marcos Augusto Morínigo, 1996.

Para iniciar a reflexão sobre a produção de sentidos e a circulação de saberes nos dicionários, propomos uma discussão teórica a respeito do dicionário e seus domínios, para depois iniciarmos com as análises dos prefácios e verbetes dos dicionários em questão.

Comumente tem-se uma visão de dicionário como um objeto de consulta. É onde, em nossos momentos de dúvida, recorremos para saber o significado de determinada palavra. Porém, se por um lado o dicionário é visto como referência, um discurso da certeza, por outro, ele tem sua historicidade. Se tomarmos dicionários de diferentes épocas, percebemos que há transformações, atualizações, renovações. O dicionário possibilita “observar os modos de dizer de uma sociedade e os discursos em circulação em certas conjunturas históricas” (Nunes, 2006, p. 11). Ainda segundo esse autor, no dicionário “as significações não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época.” (idem, p. 11), ou seja, o dicionário não é somente lugar de consulta, de certeza, ele faz parte de uma historicidade, de uma época e é, portanto, “lugar de observação do léxico”. (Nunes, 2001, p.101)

Para este estudo, concebe-se dicionário como um objeto discursivo onde “se questiona as evidências dos sentidos para mostrar seus processos históricos de constituição” (Nunes, 2006, p. 11). Isso significa acabar com a certitude e deixar lugar para a compreensão. Para isso, a História das Ideias Linguísticas e a Análise de Discurso, segundo Nunes (2006, p.13) “trazem condições metodológicas para se ler com outros olhos esses objetos”, trazem os dicionários como “lugares de

¹ Graduanda em Letras-habilitação Espanhol pela Universidade Federal de Santa Maria; bolsista PET/Conexões de Saberes; integrante do projeto “Língua, sujeito e história: o gaúcho no processo de dicionarização da Língua Portuguesa no/do Brasil” sob orientação da Prof^a Dr^a Verli Petri.



descrição das línguas, tendo um papel fundamental na reprodução, transformação e circulação dos discursos em uma sociedade.” (idem, p.13).

O dicionário não pode ser tomado somente como um espaço da certeza, no qual não cabe a dúvida, e no qual os sentidos estão prontos. Petri (2010) coloca que

“é com o intuito de retirar do estatuto de subutilização os dicionários, que propomos desconstruir a imagem de “lugar de interdito da dúvida”, ao qual o dicionário é vinculado, já que não se pode tomá-lo apenas como objeto de consulta da ortografia, pois isso seria reproduzir uma estrutura sem refletir sobre a língua ali veiculada.” (Petri, 2010, p. 19).

Pois, conforme a autora, essa imagem do dicionário faz com que estabeleçamos uma relação direta com as palavras e as coisas, o que “na vida de um sujeito falante da língua, de fato, não ocorre” (idem, p.19)

Para a análise do dicionário, é necessário conhecer as condições de produção. “Como todo discurso, o dicionário tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente constituídos.” (Nunes, 2006, p. 18). A leitura do dicionário é feita, não em vista do que ele deva ser, de um modelo ideal, um lugar de certeza, mas sim em vista do que ele é, em sua singularidade histórica, produzindo sentidos.

Para tanto, a articulação entre História das Ideias Linguísticas e Análise de Discurso permite abordar o dicionário levando em conta a historicidade dos sentidos e dos saberes lingüísticos.

Para desestabilizar o imaginário da certitude no qual o dicionário se cerca, trazemos para este trabalho os prefácios e os verbetes “gaúcho” de dois dicionários, um regionalista e outro espanhol.

O dicionário é um espaço de circulação de saberes, mantendo e atualizando sentidos, permitindo construir a relação entre língua e saber lingüístico. Desse modo, há construções de diferentes representações de gaúcho.

Essa representação do gaúcho foi evoluindo, tomando diferentes concepções e isso é institucionalizado nos dicionários. Concebe-se prefácio como material para estudar as condições de produção do discurso, nos quais, juntamente com os verbetes podemos perceber a posição do lexicógrafo/dicionarista em determinado contexto, em determinada formação social; fazendo-se a relação com a sociedade e a história.

Na análise de um verbete, questiona-se a transparência dos sentidos, e procura-se compreender de que modo esse verbete tem a ver com a sociedade e a história, conforme afirma Nunes (2006). Essa historicidade está marcada na forma material dos verbetes, na indicação das fontes, nas definições. Também, segundo Nunes (2006) estudam-se as paráfrases de um verbete em relação a outro, a constituição de um discurso levando em consideração a estruturação e a textualidade de seus subdomínios (nomenclatura, definição, etimologia, marcação, contextualização).

Visto isso, passamos para o que os dicionários analisados trazem a respeito do sujeito “gaúcho”.



O *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* traz a definição de gaúcho em dezesseis páginas. O sujeito dicionarista busca suas referências em literatura, pesquisadores e músicas tradicionalistas. Ao decorrer dessas páginas, o sujeito dicionarista diz, repete, mantém, exemplifica a definição de gaúcho. Traz o verbete como substantivo e adjetivo. As primeiras três acepções designam o gaúcho como “*habitante do Rio Grande do Sul*”; “*habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras*”; “*habitante da Argentina e do Uruguai [...] com origem e costumes assemelhados aos dos rio-grandenses*”. Após essas definições que marca o verbete como substantivo, aparece a palavra “*primitivamente*” em que introduz uma adjetivação do sujeito gaúcho; segue a acepção a respeito da etimologia. Para marcar sua posição, o sujeito dicionarista, acrescenta ao verbete exemplos de outros textos, de outros autores. O que destacamos com isso é a importância de conservar a imagem do sujeito gaúcho sempre tão presente nos dicionários.

O *Diccionario del Español de América* apresenta a definição de gaúcho em três páginas. Apresenta primeiramente a palavra como substantivo. Diferentemente como aparece nos dicionários regionalistas, a primeira definição se refere ao homem do Rio da Prata: “*hombre de campo del Río de la Plata*”. Depois dessa acepção, aparece a descrição do gaúcho. Se antes o sujeito lexicógrafo fala em “*jinete [...] diestro en los trabajos de la ganadería*”, depois fala que esse tipo de gaúcho foi desaparecendo. Quem sabe por que a imagem de gaúcho de adestrador de gado não é a do gaúcho de hoje. Por um lado, o sujeito dicionarista aponta que o gaúcho destro nas lidas do campo está desaparecendo, mas por outro lado, ele afirma que a idealização do gaúcho prevalece. A idealização do gaúcho é a de “*arquetipo humano, poseedor de las máximas virtudes viriles en que el hombre rioplatense quiere verse retratado*”. Depois, segue coma adjetivação do gaúcho, partindo de homem sóbrio, de poucas necessidades, passando por homem que ama sua liberdade, chegando a generoso e leal. Após, segue a etimologia da palavra. Apresenta que o termo gaúcho nasceu da tríade Argentina – Uruguai - Brasil.

Diferentemente dos dicionários brasileiros, esse dicionário mostra que o gaúcho faz parte desses três países. Também na acepção de gaúcho, esse dicionário traz a questão da raça: pode ser branco, negro, índio, mulato ou mestiço. Trata também da fala, que os dicionários regionalistas sul-rio-grandenses trazem como “*linguajar gaúcho*”: o gaúcho usa metáforas e comparações da vida campeira. A partir daqui, o sujeito lexicógrafo traz datas, menções de documentos de como apareceu o gaúcho. A data da primeira menção documental do gaúcho é de 23/10/1771. Em 1771 data a primeira menção do gaúcho; em 1787 data o desprestígio do gaúcho, divulgado em jornal; em 1729 é a data que aparece o termo changador e em 1746, aparece o termo gauderio. Dados esses, que os dicionários regionalistas sul-rio-grandenses não trazem.

No começo, século XVI, ser gaúcho era motivo de desprestígio, apesar de ser conhecido na região, ele se assemelhava a vagabundo, ladrão, vaqueiro que matava gado. Porém, a voz do gaúcho foi se alterando. O gaúcho era usado tanto em terras espanholas como no Rio Grande do Sul. Depois de expor as origens do gaúcho, o sujeito lexicógrafo conclui que “*la etimología de gaúcho [...]*



es lingüística, histórica y culturalmente no sólo inobjetable, sino plenamente verosímil". Apresenta ainda o ponto de vista semântico: a variação de 'gaúcho' para 'gaucho'; porque a forma arcaica é 'gaúcho' a qual prevaleceu no Brasil.

O gaúcho no século XVIII era sinônimo de changador, gauderio, tendo uma imagem de ladrão de gado, nômade, perverso. No século XIX, essas acepções mudaram. A incorporação desses gaúchos no exército passou-se uma imagem de melhor estima. Depois das revoluções, a vida no campo mudou, o gaúcho passou a assentar-se nas estâncias. A Literatura e a História, a partir do século XIX, fizeram com que a imagem do gaúcho fique para a posterioridade.

Todas essas definições aparecem no verbete "gaúcho" do dicionário de língua espanhola. Observamos que traz mais informação que o dicionário regionalista. O que podemos perceber é o espaço de circulação de saberes que o dicionário proporciona.

Do mesmo modo que para a análise de um verbete, à análise do prefácio também se deve dar importante atenção. Pois, segundo Nunes (2006), o prefácio constitui material importante para análise das condições de produção do discurso e da posição do lexicógrafo. Entendem-se condições de produção como "formações sociais e os lugares que os sujeitos aí ocupam" (idem, p. 19). É nesse espaço que percebemos a posição do sujeito dicionarista.

O prefácio, segundo Petri (2009), é entendido como um texto com funcionamento próprio, ele pode ser produzido pelos editores, pelo autor ou pode ser escritos por terceiros. De qualquer forma, seja na posição de editor, autor, ou por terceiros, os prefácios revelam a ideologia, a história, a posição sujeito presente em cada obra, além de representar a obra, enaltecendo-a.

Queremos a partir destes, realizar algumas verificações iniciais dessas transformações, manutenções, atualizações de sentidos via dicionarização do verbete gaúcho.

O *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* traz dois textos introdutórios, um intitulado "Apresentação" assinado por Hugo Ramírez, e outro assinado pelos autores, intitulado "Nota dos autores". Este dicionário é produzido por dois autores, que são irmãos, e conservadores da tradição gaúcha; em nenhum momento se apresentaram como lexicógrafos.

O primeiro texto é uma apresentação dos autores e da obra, assinado por Hugo Ramirez, que é poeta, percebendo, desse modo, que sua linguagem é aquela utilizada pelos poetas (de exaltação, rebuscada...). Os autores são falados pelo outro, assim, aparece que os sujeitos dicionaristas são "dois gaúchos autênticos", "trazendo na veia o sangue bandeirante dos velhos conquistadores", "poetas", "tranqüilos". Neste texto, também há a caracterização de um dicionário de regionalismos ("abraçar todas as tropilhas vocabulares", "obra valoriza, sobremodo e antes do mais, o patrimônio semantológico e coloquial do Brasil, em sua área de cultura meridional", "glossário dialetológico"). Ressalta-se também o valor do tradicionalismo e de um dicionário regionalista ("a obra [o dicionário] os consagra [os autores], sem dúvida, mas consagra mais ainda ao Movimento Tradicionalista Gaúcho"), bem como o trabalho do dicionarista. Podemos perceber, concordando com Petri (2008), que este recorte de Hugo Ramírez dá ao dicionário regionalista o "estatuto de lugar do saber lingüístico, de abrangência superior à região a qual se refere prioritariamente" (idem, p. 235).



No segundo texto, assinado pelos autores, marca o tempo realizado para fazer o dicionário, bem como a descrição do seu processo: no começo, o dicionário continha somente termos tipicamente gaúchos, utilizados no interior do RS, mas aos poucos se foi enriquecendo com termos falados em todo o território rio-grandense, com expressões também de obras, em prosa ou verso. Também mostra que a realização de um dicionário não é uma tarefa fácil e ele não é uma simples obra, há aqui, também, o engrandecimento da obra. O espaço, de onde os autores falam, também é demarcado: interior do Rio Grande do Sul, ressaltando a “linguagem falada em nossa Querência”.

O *Diccionario del Español de América*, é produzido por um pesquisador argentino que investigou as conseqüências lingüísticas da colonização da América pelos espanhóis (como nos mostra o seu prefácio). O autor dedicou-se em estudar as influências léxicas das línguas indígenas americanas na língua espanhola. Percebe-se, no dicionário conforme o seu prefácio, a preocupação em mostrar a diversidade lingüística que há entre o espanhol hispano-americano e o espanhol peninsular. Esta obra está em sua segunda edição, impressa em Gran Bretanha e após a morte do sujeito lexicógrafo.

O prefácio do dicionário possui dois textos, um intitulado de “Introducción” e outro intitulado “Criterios para este Diccionario”, não há quem assina os textos. No primeiro texto introdutório há a qualificação do sujeito lexicógrafo e posterior, da obra. Traz que essa obra “es resultado de estudios y esfuerzos” do seu autor por vários anos, mais precisamente, cinqüenta anos. O processo para a realização da obra foi o recolhimento do vocabulário americano de cronistas, historiadores, literatos do século XVI e XVII; depois outros investigadores colaboraram com obras literárias mais recentes. Segue o texto, mostrando que essa versão do dicionário apresenta algumas mudanças, “correcciones necesarias” para melhor compreensão do dicionário. Percebemos, então, a idéia de dicionário como objeto de consulta cuja regularidade normativa deve estar presente. Esse texto introdutório mostra, ao sujeito leitor, a diversidade lingüística e a criação léxica na América; propõe uma explicação dessa variedade lexical, por exemplo, por causa da contribuição do léxico indígena à língua espanhola. Outro ponto tratado é a questão da diversidade lingüística entre a fala usual da Hispanoamérica e Espanha, e cita as diferenças temáticas, fonéticas, semânticas e lexicais. Traz as vozes de outros autores, nomes importantes para a história das línguas, autores de dicionários para a discussão desse tema. Nesse prefácio, o que se destaca são as diferenças semânticas, dialetais, léxicas entre países de mesma língua. O dicionário é tratado como documento e estudo do léxico, dando início aos estudos dialetais do espanhol americano. Podemos perceber que se desfaz a idéia de igualar o espanhol de América com o da Espanha, o que se percebe nos dicionários da Real Academia Española. O autor denomina isso como pluralidade lingüística e vê como positiva.

No outro texto deste prefácio (“Criterio para este Diccionario”), aparece uma explicação do propósito deste dicionário. Essa obra se destina a “ofrecer a los lectores de obras literarias, históricas, sociológicas, científicas hispanoamericanas un instrumento de trabajo eficaz”. Percebemos aqui a imagem de sujeito leitor. A obra se destina a pessoas cultas da língua espanhola. Mas não é qualquer pessoa culta: pessoas que “carecen de un conocimiento pormenorizado de las variaciones regionales



americanas”; a obra também se destina a professores e alunos interessados em ensinar e/ou aprender a realidade hispanoamericana e até a hispanistas estrangeiros que querem adquirir o espanhol americano. Aqui, ressalta-se, outra vez, a denominação espanhol americano e espanhol peninsular. Neste texto, também se apresenta o que é indigianismo e americanismo, visto que aparecem alguns vocábulos no dicionário. Apresenta que a maior tarefa desse dicionário foi a seleção do material e um problema que o sujeito lexicógrafo enfrenta é a etimologia das palavras indígenas. Podemos perceber que a caracterização da obra é um “ensayo del futuro diccionario de la lengua española americana que debe compilarse con el esfuerzo coordinado y metódico de las instituciones y de los investigadores que se dedican al estudio de las lenguas y de español de América”.

Os dicionários são instrumentos lingüísticos que trazem a história da língua, das ideologias, dos sujeitos – seja brasileiro e/ou gaúcho – e que nos seus domínios (o prefácio e o verbete, tomados para este trabalho) emerge o discurso, as tomadas de posição dos sujeitos e as relações entre dicionaristas e leitores dos dicionários.

Conforme Petri (2010, p. 24), “já não se pode mais aceitar o dicionário como um lugar que abarca verdades absolutas, é preciso pensar que a língua está viva, em constante movimento e nem tudo é apreendido pelo sujeito, muito menos estará no dicionário.”

O dicionário é um espaço de circulação de saberes, mantendo e atualizando sentidos, permitindo construir a relação entre língua e saber lingüístico. E os “sentidos que estão dentro e fora do dicionário” (Petri, 2010, p.25). A língua não está pronta, completa, só porque está no dicionário, ela se movimenta também neste espaço.

Referências bibliográficas

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas, SP: Pontes Editores – São Paulo, SP: Fapesp – São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

NUNES, José Horta. O espaço urbano: a “rua” e o sentido público. In: Orlandi, Eni (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes, 2001, p. 101-109.

PETRI, Verli. *A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”*. Revista Letras. Nº 37. P. 227-243. Jul/Dez, 2008.

PETRI, Verli. A emergência da ideologia, da história e das condições de produção no prefaciamento dos dicionários. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 329-336.

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2010.

Dicionários utilizados como objetos de análise:

Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. NUNES, R.C. NUNES, Z.C.; 2 ed. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro, 1984.

Diccionario del Español de América. MORÍNIGO, Marcos Augusto. 2ª edição, 1996.